

▶ VALDIR C. COSTA

## Brasil : De Juscelino até os momentos atuais

O Brasil está mudando. Só não vê quem não quer. Só não admite quem não tem interesse na mudança. Num período não muito longo, é possível perceber que passamos por uma fase de amadurecimento. Com JK, cultivou-se o sonho de crescer 50 anos em cinco. Kubitschek abriu as portas da Nação tupiniquim para as multinacionais e trouxe a evoluída tecnologia da indústria automobilística.

Um grande passo em direção ao futuro, é verdade. Mas em compensação surgiu o ambicioso projeto da construção da nova Capital. Brasília foi erguida sob o indiscutível dom artístico de arquitetos e sobre boa parte dos recursos da Previdência Social. No Palácio Central, misturam-se às fundações, verbas do IAPC, IAPI, IAPETEC etc. Um grande problema para resolver no futuro, que aliás já se faz presente.

Forças ocultas anularam o sucesso obtido por Jânio Quadros e sua vassourinha no início da década de 60. A instabilidade surgiu com a renúncia e prosseguiu com João Goulart, cujo governo foi interrompido para que os militares iniciassem os 20 anos de administração do País do "Milagre econômico".

Na euforia do tricampeonato, o Brasil não tinha problemas com a inflação. O protecionismo estimulava o crescimento de nossas empresas sem necessidade de um planejamento eficiente. Sem a competitividade, o parque industrial brasileiro tornou-se obsoleto. A crise do petróleo fez com que a falta de uma base para o desenvolvimento econômico viesse à tona. Projetos como o Pró-álcool surgiam para ampliar a situação.

A abertura, iniciada com Geisel e concluída com Figueiredo, era apontada como a solução dos nossos problemas. Ledo engano. Planos econômicos serviram como paliativos e trampolim político. Cruzado, Bresser, Verão, Collor, provocaram o desmoronamento das "raquíticas" estruturas empresariais.

Outra salvação seria a Constituição de 1988. Sem a regulamentação de vários artigos e sem a revisão, a Carta Magna não trouxe as soluções esperadas. Ela permitiu o agravamento do sistema tributário.

Collor trouxe a abertura da economia para os importados, mas fez com que a Nação conhecesse a podridão dos bastidores do governo.

PC's, empreiteiros, lobbistas, assessores e seus familiares levaram o País

aconhecer a ignação que deve ter atingido compatriotas de Ferdinando Marcos, Papa Doc, Mobuto Seiko e outros bastões da desonestidade. Com a economia em frangalhos e o risco de ingovernabilidade passamos por uma estagnação. Indecisos, empresários e homens de negócio não conseguiam escolher o destino ideal de seus investimentos.

Itamar Franco, com ajuda da irreverência dos conterrâneos de Juiz de Fora, não parecia ser o governante propício para o momento. O Brasil precisava de liderança. Mas a chama política "pão de queijo", agindo no melhor estilo "mineirinho" conseguiu devolver em parte, a esperança de retomada do rumo. Não serão obras faraônicas que nos levarão à lembrança desse período. O resgate da decência pode se concretizar com Fernando Henrique, o primeiro presidente eleito com a ajuda de seu antecessor. Apesar dos acordos políticos que nos remetem a lembranças pouco aprazíveis, é preciso viabilizar as reformas para ver o que o atual governo é capaz de oferecer à sociedade.

Dentro dessa nova realidade temos que procurar o enquadramento de todos os setores. As empresas que sempre cobram do governo condições para seu desenvolvimento, precisam deixar a "casa" em ordem, passar a limpo a história corroída pelos vícios, pelo comodismo induzido - herança do protecionismo. É preciso dar adeus aos "ralos" do Erário.

O profundo conhecimento da gerência de seus próprios negócios, o estabelecimento correto da carga tributária, compromissos de custos, redefinição do compromisso social das instituições, o cumprimento da lei e outros itens são imprescindíveis para a modernização.

Todo o processo é desenvolvido de forma eficaz por auditores independentes, profissionais sem qualquer vínculo com partes interessadas que apresentam balanços com dados reais. A seriedade do levantamento, quando o objetivo é encarar a nova realidade de um país que busca o rumo do desenvolvimento, não pode ser deixada de lado.

Neste seguimento ainda estamos longe de reivindicar um espaço digno dentro do cenário mundial. Do total de auditores independentes existentes no Brasil, Grã-bretanha e Estados Unidos, apenas 4% estão no Brasil. Cerca de 68% estão na América e o restante está na Europa.

▶ Valdir Campos Costa é diretor responsável da Conape e membro do PNBE